

FREIDA McFADDEN

**A CRIADA
ESTÁ A VER**

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

Para a minha família

Prólogo

Há sangue por todo o lado. Nunca vi tanto sangue. Encharca o tapete creme, infiltrando-se nas tábuas do soalho em redor, salpicando as pernas da mesa de centro em carvalho. Gotas perfeitamente ovais chegaram até ao assento do sofá de cabedal claro, e grandes pingos escorrem pela parede branca.

Nunca mais acaba. Se olhar com atenção, será que encontrarei vestígios de sangue no carro na garagem? No relvado? No supermercado do outro lado da cidade?

Pior ainda, cobre-me as mãos.

Que confusão. Apesar de não ter muito tempo, estou ansiosa por limpar tudo. Ensinaaram-me que, quando há uma nódoa, especialmente no tapete, a devemos limpar depressa, antes que se entranhe. Depois de seca, a nódoa tornar-se-á permanente.

Infelizmente, por mais que esfregue, isso não fará desaparecer o cadáver estendido mesmo no meio da poça de sangue.

Avalio a situação. Bem, isto é mau. É de esperar que as minhas impressões digitais estejam na casa, mas o líquido carmesim nas minhas unhas e nos sulcos das minhas palmas é mais difícil de explicar. A mancha que escurece a frente da minha camisola não é o tipo de coisa que possa desvalorizar. Estou em grandes apuros.

Se alguém me apanhar.

Inspeciono as minhas mãos, ponderando os prós e os contras de lavar o sangue *versus* pôr-me imediatamente a andar daqui para fora. Se lavar as mãos, desperdiçarei segundos preciosos durante os quais posso ser apanhada. Se partir de imediato, sairei porta fora com sangue a cobrir-me as palmas, manchando tudo em que tocar.

Nesse momento, a campainha toca.

Os tinidos ecoam por toda a casa enquanto fico paralisada, com medo até de respirar.

– Olá? – chama uma voz familiar.

Por favor, vai-te embora. Por favor.

A casa está em silêncio. A pessoa à porta vai perceber que não está cá ninguém e decidirá voltar noutra altura. Tem de o fazer. Caso contrário, estou acabada.

A campainha volta a tocar.

Vai embora. Por favor, vai.

Não sou do tipo de rezar, mas, chegada a este ponto, estou disposta a pôr-me de joelhos. Bem, estaria disposta se não ficasse coberta de sangue.

Têm de presumir que não está ninguém em casa. Ninguém toca a uma campainha mais de duas vezes. Mas, quando começo a achar que há uma hipótese de estar segura, o puxador abana. E começa a rodar.

Oh, não. A porta não está trancada. Dentro de sensivelmente cinco segundos, a pessoa que está a bater à porta entrará na casa. Entrará na sala de estar. E então verá...

Isto.

A decisão está tomada. Tenho de fugir. Não há tempo para lavar as mãos. Não há tempo para me preocupar com as pegadas sangrentas que poderei deixar para trás. Tenho de sair daqui.

Só espero que ninguém descubra o que fiz.

PRIMEIRA PARTE

1

MILLIE

TRÊS MESES ANTES

Adoro esta casa. Adoro tudo nesta casa. Adoro o enorme relvado da frente e o relvado ainda maior das traseiras (apesar de ambos estarem acastanhados). Adoro que a sala de estar seja grande o suficiente para poder ter *vários móveis*, em vez de apenas um pequeno sofá e uma televisão. Adoro as janelas fixas com vista para o bairro, que li recentemente numa revista ser um dos melhores para criar filhos.

E, acima de tudo, adoro o facto de ser minha. O número 14 da Locust Street é todo meu. Bem, após trinta anos de prestações do empréstimo, será todo meu. Não consigo parar de pensar na sorte que tenho, enquanto passo os dedos pela parede da nossa nova sala de estar, chegando o rosto mais perto para admirar o papel de parede floral novinho em folha.

– A mãe está outra vez a beijar a casa! – guincha uma voz atrás de mim.

Afasto-me rapidamente da parede. Até parece que o meu filho de nove anos me apanhou com um amante secreto. Não me envergonha o amor que sinto por esta casa. Quero subir ao telhado e gritá-lo a plenos pulmões. (Temos um telhado incrível. *Adoro esta casa.*)

– Não devias estar a arrumar as tuas coisas? – pergunto.

As caixas e os móveis do Nico já estão no seu quarto, pelo que devia estar a desencaixotar tudo, mas, em vez disso, está a atirar repetidamente uma bola de basebol contra a minha bela parede forrada com papel de parede floral, voltando depois a apanhá-la. Há menos de cinco minutos que vivemos nesta casa e já está decidido a destruí-la. Consigo vê-lo nos seus olhos castanho-escuros.

Não é que eu não ame o meu filho mais do que tudo no mundo. Se estivesse numa situação hipotética em que tivesse de escolher entre a vida do Nico e esta casa, é *claro* que escolheria o Nico. Sem dúvida.

Mas estou só a dizer que, se ele fizer algum mal a esta casa, vai ficar de castigo até ter idade para fazer a barba.

– Arrumo amanhã – diz o Nico. A sua filosofia de vida em geral parece ser a de que tudo será feito amanhã.

– Que tal agora? – sugiro.

O Nico atira a bola ao ar, quase roçando o teto. Se tivéssemos algo valioso nesta casa, estaria a ter um ataque cardíaco neste momento.

– Mais tarde – insiste.

O que quer dizer nunca.

Espreito para a escadaria da casa. Sim, temos *escadas!* Escadas a sério. Sim, rangem a cada passo que damos, e é possível que o corrimão caia se nos agarrarmos a ele com demasiada força. Mas temos escadas e dão para um *andar completamente diferente da casa.*

Dá para perceber que vivi demasiado tempo na cidade de Nova Iorque. Estava hesitante em voltar para Long Island depois do que aconteceu da última vez que cá vivi, mas isso foi há quase duas décadas – num passado distante.

– Ada? – chamo, subindo as escadas. – Ada, podes vir aqui?

Passados poucos instantes, a minha filha de onze anos espreita com a cabeça para a escadaria, permitindo-me ver uns espessos e ondulados cabelos negros e uns olhos muito escuros a olharem para mim. Tem os olhos da mesma cor dos do Nico, herdados do pai. Ao contrário do irmão, não duvido que a Ada tem estado

a arrumar os seus pertences desde que chegámos. É uma aluna de cincos – faz os trabalhos de casa sem precisar que a mandem, uma semana antes da data de entrega.

– Ada – digo. – Estás quase despachada com as arrumações?

– Praticamente. – Não me surpreende.

– Achas que podes ajudar o Nico a desencaixotar as coisas dele?

– Claro – assente a Ada, sem hesitar. – Anda, Nico.

O Nico reconhece imediatamente a oportunidade de pôr a irmã a fazer a maior parte do trabalho.

– Está bem! – acede, alegremente.

Para finalmente de me aterrorizar com a bola de basebol e apressa-se a subir os degraus dois a dois, para se juntar à Ada no seu quarto. Começo a dizer à minha filha para não fazer o trabalho todo por ele, mas é um caso perdido. Por esta altura, ainda tenho cerca de sessenta caixas minhas para esvaziar, mas, desde que o trabalho fique feito, dou-me por feliz.

Tivemos muita sorte em conseguir esta casa. Perdemos meia dúzia de guerras de licitações em bairros bem menos agradáveis do que este. Pensei que não tínhamos a menor hipótese de conseguir esta casa de campo antiga e pitoresca, ainda por cima numa localidade com escolas públicas tão bem classificadas. Quase chorei de alegria quando a agente imobiliária me ligou a dizer que a casa era nossa – e por menos dez por cento do que o preço solicitado!

O universo deve ter decidido que merecíamos alguma sorte.

Espreito pela janela da frente para a carrinha de mudanças estacionada na rua em frente à casa. Vivemos num pequeno beco com duas outras casas. Do outro lado da rua, vejo a silhueta de uma pessoa à janela. O meu novo vizinho, suponho. Espero que seja simpático.

Oiço uma pancada vinda do interior da carrinha e abro a porta da frente para ver o que se passa. Corro para o exterior mesmo a tempo de ver o meu marido a sair da carrinha com um dos seus amigos, que aceitou ajudar na mudança. Queria contratar uma empresa de mudanças, mas ele insistiu que podia tratar de tudo com a ajuda dos amigos. Devo admitir que temos de poupar cada

cêntimo, se queremos pagar as prestações do empréstimo. Mesmo sendo dez por cento abaixo do preço solicitado, a nossa casa de sonho não foi barata.

O meu marido segura metade do sofá da nossa sala de estar. Tem a *T-shirt* colada ao torso de suor. Retraio-me ao vê-lo carregar tanto peso. Está na casa dos quarenta, e a última coisa de que precisa é de dar um jeito às costas. Expressei-lhe esta preocupação quando estávamos a planear a mudança, mas ele agiu como se fosse a coisa mais tola que alguma vez tinha ouvido, apesar de eu andar com dores de costas semana sim, semana não. E nem sequer é de levantar mobília – é de *espirrar*.

– Podes ter cuidado, Enzo, por favor? – digo.

Ele olha para mim, e, quando sorri, derreto-me. Será normal? Será que as restantes mulheres casadas há mais de onze anos também sentem os joelhos fraquejar pelos maridos, às vezes?

Não? Sou só eu?

Quer dizer, não é como se acontecesse *a todo o instante*. Mas, caramba, ele ainda me afeta. Parece ficar inexplicavelmente mais atraente a cada ano que passa – eu, por outro lado, fico apenas um ano mais velha.

– Eu tenho cuidado – insiste ele. – Além do mais, este sofá? É leve! Não pesa quase nada.

Isso suscita um revirar de olhos da parte do homem que segura a outra ponta do sofá. É verdade que não é propriamente pesado. Comprámo-lo no IKEA, o que é um progresso em relação ao último sofá, que recolhemos da berma da estrada. O Enzo costumava ter a teoria de que a melhor mobília vinha da berma à porta do nosso apartamento.

Crescemos um pouco desde então. Espero eu.

Enquanto o Enzo e o amigo levam o sofá para a nossa bela casa nova, volto a erguer o olhar para a casa do outro lado da rua. O número 13 da Locust Street. Continua alguém à janela, a olhar fixamente para mim. O interior da casa está escuro, pelo que não consigo ver grande coisa, mas aquela silhueta continua à janela.

Está alguém a observar-nos.

Não há nada de sinistro nisso, ainda assim. As pessoas daquela casa são os nossos novos vizinhos e de certeza que estão curiosos sobre quem somos. Sempre que via uma carrinha de mudanças à porta do nosso prédio, costumava pôr-me a olhar pela janela, para ver quem se estava a mudar para lá, e o Enzo ria-se e dizia-me para parar de olhar e ir apresentar-me.

É essa a diferença entre nós.

Bem, não é a única diferença.

Numa tentativa de mudar os meus modos e de ser mais cordial, como o meu marido, ergo uma mão para acenar à silhueta. Posso aproveitar para conhecer o meu novo vizinho no número 13 da Locust Street.

Mas a pessoa à janela não retribui o aceno. Em vez disso, as persianas fecham-se bruscamente, e a silhueta desaparece.

Bem-vinda ao bairro.

2

O Enzo está a transportar as últimas caixas para a casa, enquanto eu estou no nosso relvado esparso, a evitar desencaixotar as coisas e a imaginar como ficará a relva depois de o meu marido tratar dela. O Enzo é um génio na manutenção de relvados – foi mais ou menos por isso que nos conhecemos. Parece quase um caso perdido, cheio de manchas castanhas e com o solo irregular, mas sei que, daqui a um ano, teremos o relvado mais bonito da rua.

Estou perdida nas minhas fantasias quando a porta da casa mesmo ao lado da nossa – o número 12 da Locust Street – se abre. Uma mulher com o cabelo cor de caramelo num corte escadeado curto sai da casa, com uma blusa branca cintada, uma saia vermelha e uns sapatos de salto alto com tachas que parecem poder ser usados para arrancar um olho a alguém. (Porque é que a minha mente vai sempre por esses caminhos?)

Ao contrário do vizinho da frente, parece simpática. Ergue a mão num cumprimento entusiástico e atravessa o curto troço de passeio calçetado que separa as nossas casas.

– Olá! – diz, efusivamente. – É *tão* bom conhecer finalmente os nossos novos vizinhos! Sou a Suzette Lowell.

Ao estender o braço e tomar a sua mão arranjada na minha, recebo um aperto de mão impressionantemente forte para uma mulher.

– Millie Accardi – apresento-me eu.

– É um *prazer* conhecê-la, Millie – diz. – Vai adorar viver aqui.

– Já adoro – respondo, com sinceridade. – Esta casa é incrível.

– Oh, é mesmo. – A Suzette acena com a cabeça. – Esteve algum tempo vazia, porque, enfim, uma casa tão pequena é difícil de vender. Mas eu sabia que a família certa acabaria por aparecer.

Pequena? Estará a *insultar* a nossa casa de sonho?

– Bem, eu adoro-a.

– Oh, sim. É tão acolhedora, não é? E... – O seu olhar percorre os degraus da frente, que estão ligeiramente esboroados. O Enzo jurou que os vai arranjar. É uma das muitas reparações na longa lista do que precisamos de fazer. – Rústica. *Tão* rústica.

Está decididamente a insultar a casa.

Mas não me importo. Continuo a adorá-la. Não quero saber o que pensa uma vizinha pretensiosa qualquer.

– Então, Millie, trabalha? – pergunta a Suzette, fixando os olhos azul-esverdeados no meu rosto.

– Sou assistente social – respondo, com um toque de orgulho. Ainda que tenha este emprego há muitos anos, continuo a ter orgulho na minha carreira. É verdade que por vezes é extenuante, dilacerante e que tenho um salário muito pouco empolgante, mas adoro-a na mesma. – E a Suzette?

– Sou agente imobiliária – responde ela, com igual medida de orgulho. Ah, isso explica porque é que insultou a nossa casa com jargão imobiliário. – O mercado está muito instável neste momento.

Bem, isso é verdade. Apercebo-me de que a Suzette não esteve envolvida na venda desta casa. Se é agente imobiliária, porque não terão os seus vizinhos querido que fosse ela a vender-lhes a casa?

O Enzo sai da carrinha, transportando mais caixas, com a *T-shirt* ainda colada ao peito e o cabelo preto húmido. Quando enchi uma dessas caixas de livros, fiquei com receio de tê-la deixado demasiado pesada. Apesar disso, ele está a carregar não só essa caixa, mas outra que lhe pôs em cima. Doem-me as costas só de olhar para ele.

A Suzette também o observa. Segue-o com o olhar, enquanto se dirige da carrinha de mudanças até à nossa porta da frente, com um sorriso a alastrar-lhe pelos lábios.

– O seu tipo das mudanças é *mesmo* jeitoso – comenta.

– Na verdade – digo –, é o meu marido.

Fica de queixo caído. Parece que tem melhor opinião dele do que da casa.

– A sério?

– Sim. – O Enzo depositou as caixas na sala de estar e está a sair de casa para ir buscar mais. Onde terá ido buscar tanta energia? Antes que chegue à carrinha, chamo-o com um aceno. – Enzo, vem conhecer a nossa nova vizinha, a Suzette.

A Suzette puxa rapidamente a blusa e enfia uma madeixa do cabelo cor de caramelo atrás da orelha. Estou bastante certa de que daria uma espreitadela ao seu aspeto no espelho e retocaria o batom, se pudesse. Mas não tem tempo para isso.

– Olá! – diz, efusivamente, de mão estendida. – É tão bom conhecê-lo! Enzo, não é?

Ele pega-lhe na mão e abre um grande sorriso que lhe franze as rugas em torno dos olhos.

– Sim, sou o Enzo. É a Suzette?

Ela ri-se e assente avidamente. É uma reação um pouco exagerada, mas, em abono da justiça, ele está a carregar no charme. O meu marido vive neste país há vinte anos, e, quando conversamos à mesa de jantar, o seu sotaque já é relativamente ténue. Quando está a tentar ser encantador, porém, carrega no sotaque, como se tivesse acabado de sair do barco. Ou, como ele diria, «acabado de sair de barco».

– Vão adorar esta zona – garante-nos a Suzette. – É uma rua tão tranquila.

– Já adoramos – digo.

– E a vossa casa é tão adorável – continua ela, arranjando mais uma forma criativa de salientar que a nossa casa é consideravelmente mais pequena do que a sua. – Será perfeita para os dois e para os vossos filhos, sobretudo com mais um pequenote a caminho.

Ao dizê-lo, lança um olhar incisivo à minha barriga, que *não* contém certamente nenhum pequenote a caminho. Há nove anos que não há pequenotes lá dentro.

A pior parte é que o Enzo vira a cabeça para olhar para mim e, por um segundo, vejo um lampejo de entusiasmo no seu rosto, apesar de ele *saber perfeitamente* que me foi feita uma laqueação de trompas durante a cesariana de emergência do Nico. Olho para a minha barriga e vejo que a minha camisola se avoluma, de facto, de uma forma muito desfavorável. Sinto-me morrer um pouco por dentro.

– Não estou grávida – digo, não só para a Suzette, mas, ao que parece, também para o meu marido.

A Suzette aperta uma mão sobre os lábios carregados do seu batom vermelho.

– Oh, céus, penso *imensa* desculpa! Pensei só que...

– Não faz mal – digo-lhe eu, interrompendo-a antes que agrave a situação. Sinceramente, adoro o meu corpo. Quando tinha vinte anos, era um pau de virar tripas, mas agora tenho finalmente algumas curvas femininas para exhibir e atrevo-me a dizer que o meu marido também parece apreciá-las.

Dito isto, vou deitar fora esta camisola.

– Temos dois filhos. – O Enzo passa-me um braço pelos ombros, alheio ao insulto da Suzette. – O Nico e a Ada.

Não poderia estar mais orgulhoso dos nossos dois filhos. É um excelente pai. Por ele, teríamos tido mais cinco, se eu não tivesse estado à beira de morrer quando dei à luz o nosso filho. Teríamos adorado adotar ou ser uma família de acolhimento, mas, com os meus antecedentes, isso estava fora de questão.

– Tem filhos, Suzette? – pergunto.

Ela abana a cabeça, com uma expressão horrorizada no rosto.

– Nem pensar. Não sou muito maternal. Sou só eu e o meu marido, o Jonathan. Alegrementemente livres de crianças.

Excelente. Tem marido. Pode manter-se longe do meu.

– Mas há um rapazinho na casa em frente à vossa – diz ela. – Anda no terceiro ano.

– O Nico também anda no terceiro ano – comenta avidamente o Enzo. – Talvez os possamos apresentar?

Quando nos mudámos, tivemos de tirar os miúdos da escola a meio do ano. Acreditem em mim – a última coisa que querem fazer é tirar duas crianças da escola primária em meados de março. Senti-me terrivelmente culpada, mas não podíamos pagar o empréstimo e a renda até ao fim do ano letivo, pelo que não tivemos opção.

O Nico, que é extrovertido como o pai, não pareceu ficar incomodado. Para ele, uma sala inteira cheia de miúdos novos para impressionar com as suas excentricidades seria uma aventura divertida. A Ada recebeu a notícia calmamente, mas mais tarde encontrei-a a chorar no quarto ante a ideia de deixar as duas melhores amigas para trás. Espero que, no outono, estejam ambos instalados e que o trauma de mudar de casa a meio do ano letivo seja uma memória distante.

– Podem tentar apresentar-se – diz a Suzette, com um encolher de ombros. – Mas a mulher que lá vive, a Janice, não é muito simpática. Raramente sai de casa, a não ser para levar o filho à paragem do autocarro. Vejo-a sobretudo à janela, a olhar para a rua. É *tão* metedixa.

– Oh – exclamo. Pergunto-me como pode a Janice aparentemente nunca sair de casa e, no entanto, ser tão intrometida em simultâneo.

Olho para o número 13, do outro lado da Locust Street. Todas as janelas parecem estar escuras, apesar de estarmos em pleno dia e de as pessoas que lá vivem estarem em casa.

– Espero que tencionem instalar umas boas persianas nas vossas janelas – diz-me a Suzette. – Porque ela tem uma vista excelente.

Eu e o Enzo rodamos simultaneamente a cabeça na direção da nossa casa novinha em folha, apercebendo-nos de súbito de que nem uma janela em toda a casa tem persianas ou cortinas. Como é que não nos lembrámos disso? Ninguém nos disse que tínhamos de comprar persianas! Todas as casas onde vivemos até agora as tinham!